

Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços

N.º 24 - 2006

Jesus é o melhor presente de Deus Pai para toda a humanidade

Jesus já veio e Jesus vem. Que interesse teria celebrar o nascimento de Jesus, que teve lugar à 2000 anos, se Ele não pudesse nascer hoje na vida de cada um de nós? Tem interesse, porque Jesus quer salvar todos e de cada um dos homens. Como a humanidade o pediu: "Chovei nuvens do alto, abra-se a terra e germine o Salvador", assim o deve fazer cada um de nós. É preciso pedi-l'O e acolhê-l'O.

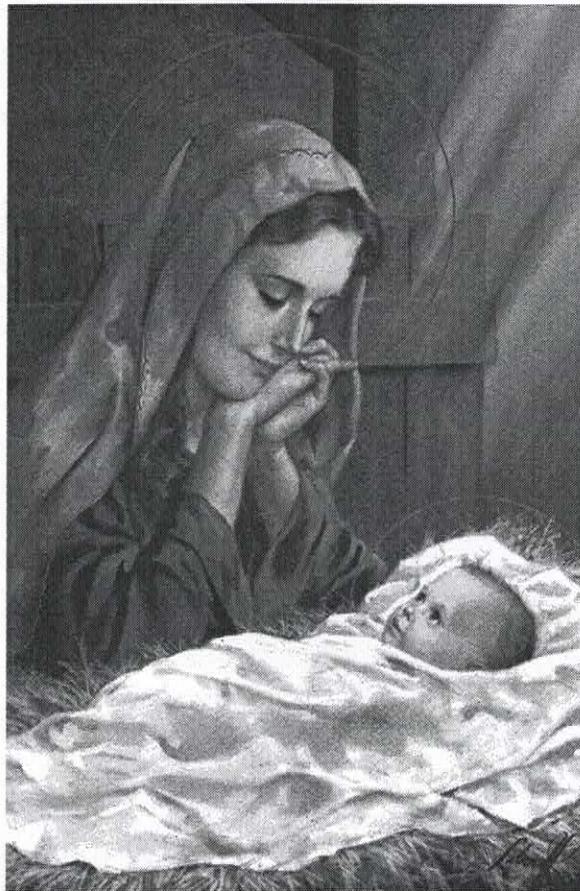
Hoje toda a Igreja é convidada a evangelizar. É hora de evangelizar, temos que pôr a Palavra de Deus a caminho, não podemos ficar na praça, somos operários da primeira hora. Mas não podemos ficar só por palavras, os gestos têm que acompanhar. Todavia o gesto não é tudo, precisa da palavra para lhe dar pleno sentido, pois o Verbo é que deu plenitude ao tempo.

Os dias que precedem o Natal estão cheios de gestos de solidariedade: reúnem-se os que estão sós, aconchegam-se os sem abrigo, dá-se-lhes bem de comer e beber... e o dia seguinte? É outro dia... como os demais.

Há muitos samaritanos, mas por umas horas. Assim Jesus não encarna na pessoa que está na berma da estrada. Porquê? Porque quem dela se aproximou não O levava.

Há muitos samaritanos por um dia ou por umas horas, porque não passam pela escola da samaritana. Jesus encarnou verdadeiramente na vida desta mulher, porque ela, no diálogo tido com o judeu foi descobrindo, o senhor, o profeta, o messias, o salvador. Converteu-se a Jesus, deixou o cântaro e foi à cidade comunicar a notícia. Outros samaritanos, porque acreditaram

na palavra da mulher, vieram ter com Jesus. E no encontro com Jesus fizeram a mesma experiência: "Já não é por causa das tuas palavras, que acreditamos; nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é realmente o Salvador do mundo".



Jesus é o melhor presente que Deus Pai deu a toda a humanidade. E é isto que nós cristãos temos para dar e que ninguém mais tem. Mas para O dar é preciso possuí-l'O, melhor dito, é preciso deixar-se possuir por Ele.

Pedi-l'O e acolhê-lo. Olhemos para o relógio de Deus. Não sabemos nem o dia nem a hora. Estejamos permanentemente atentos, pois, quando menos pensamos Ele manifesta-se. O Tabor pode ser a cozinha, com a sertã na mão!...

Deus entrou na história da humanidade; não o fez sem o consentimento de um seu representante, neste caso Maria. Também não entra na tua vida sem o teu consentimento. Escuta!... Sei que se torna difícil entre tanto ruído. Afina o ouvido: "Eis que estou à porta e bato: Se alguém ouvir a Minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele Comigo".

Se tiveres a coragem de O acolher de coração aberto e te sentares à mesa e comeres da ceia que Ele mesmo traz, então, os sem abrigo, os necessitados tem uma garantia: o Natal já não é só um dia ou uma noite, mas todos os dias.

Se tiveres a coragem de O acolher de coração aberto e te sentares à mesa e comeres da ceia que Ele mesmo traz, então, os sem abrigo, os necessitados tem uma garantia: o Natal já não é só um dia ou uma noite, mas todos os dias.

Jesus tem que nascer de novo

A entrada do cristianismo na história dos homens marcou profundamente o seu rumo. Mas o cristianismo, que supôs uma mudança radical e uma novidade na história humana, que interveio durante séculos na maior parte das transformações importantes da humanidade, parece ter chegado fatigado a estas últimas etapas do seu caminho.

A Igreja, pelo menos nos países ocidentais, aparece como uma instituição envelhecida nas suas estruturas, na sua forma de organização e, às vezes, nos seus ritos e nas suas mensagens. Envelhecida, sobretudo, nas suas pessoas, como mostra a idade média dos seus representantes e daqueles que continuam a frequentar as suas práticas. Para muitos jovens “a Igreja soa a velho, a passado, a outra época”, “é uma instituição de uma época passada”.

O cristianismo, que impregnou a cultura e a história do velho continente, passa agora por uma crise profunda e radical. Este é um facto que os estudos sociológicos revelam com toda a clareza. E dele se vem fazendo eco nos mais variados registos pensadores, filósofos, teólogos e responsáveis das Igrejas.

Um grande teólogo espanhol, Ruiz de la Peña, abre o seu recente livro *Crise y apologia de la fe* com esta sentença: “Que a fé, às portas do século XXI, esteja em crise, é coisa bem sabida”. E. Biser, pela sua parte, recorre à imagem duma catástrofe para identificar esta crise. “A crise abate-se sobre a Igreja com a violência dum fenómeno da natureza que não se pode conter”.

O longo e profundo processo de secularização da vida social e cultural parece ter reduzido a vida religiosa a realidade marginal, de tal maneira que a palavra “Deus” converteu-se para muitos num termo vazio, que já não afecta a realidade em que vivem, nem tem lugar no seu contexto experiencial. Porque todos experimentamos esta ausência de Deus, parece que o nosso falar de Deus e, mais ainda, os nossos intentos de falar com Ele, perdem-se no vazio. Actualmente, ateus e crentes coincidem e compartilham, em grande parte, esta experiência, embora a tenhamos que interpretar de diferente maneira. Não se trata de modo algum do ateísmo dos outros ... trata-se duma questão que surgiu na própria

Igreja, trata-se do ateísmo do nosso próprio coração.

Isto faz com que a prática religiosa vá descendo continuamente dum ponto de vista quantitativo e perca progressivamente importância até mesmo na vida dos crentes. E é de tal maneira alarmante a quebra da prática religiosa que o Padre Tillard publicou, não há muito tempo, um artigo cujo título era provocador: “*Seremos nós os últimos cristãos?*”.

Não faltam motivos para se fazer uma pergunta como esta. O cristianismo desapareceria se uma geração de crentes – a nossa, por exemplo – não fosse capaz de transmitir a fé à geração seguinte. E algo disto parece estar a acontecer nos nossos dias, pelo menos no Ocidente.

Tendo isto presente nenhuma pessoa consciente pode desprezar a provocadora pergunta do P. Tillard: *Seremos talvez os últimos cristãos?* A esta pergunta, o teólogo, que a formulou respondia, instintivamente, que

não, uma vez que acredita, com toda a grande tradição cristã, que Deus, na sua fidelidade para com a humanidade, não deixará que se apague a luz que o seu Filho acendeu.

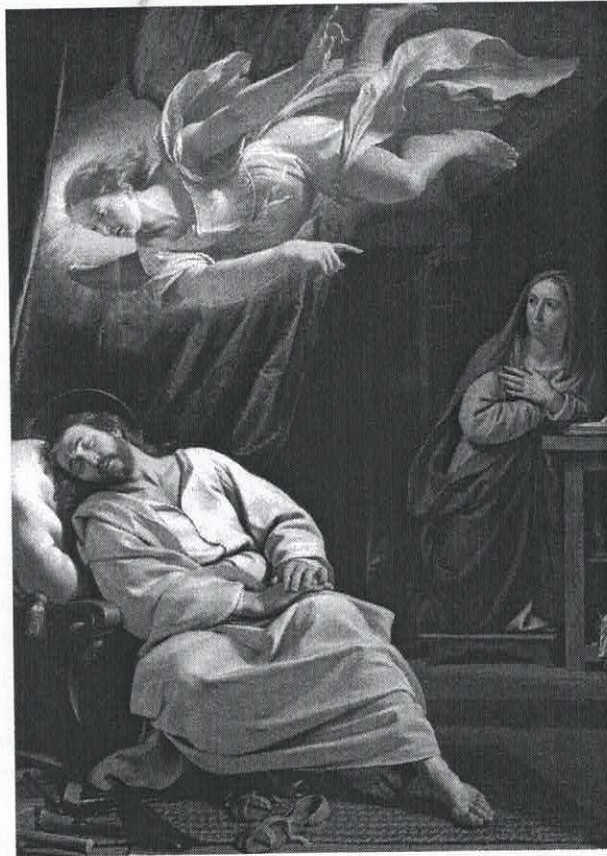
Não somos nós os últimos cristãos, porque “o futuro da Igreja e do cristianismo depende primariamente de Deus e não do homem. Deus pode, portanto, confundir as melhores predições fundadas em factos, como tem sucedido frequentemente na história”.

Contamos com a promessa de Jesus de que as forças do mal não prevalecerão contra ela; mas também somos conscientes de que esta promessa não nos dá garantias para pensarmos que a Igreja se mantenha pujante em todos os lugares da terra da mesma maneira.

Tillard afirmava que não somos nós os últimos cristãos, mas somos sim “*as últimas testemunhas de uma certa maneira de ser cristão*”. Acabou aquilo que se deu por chamar : cristianismo “convencional” em que as práticas e convicções religiosas não assentam na fé e reflexão pessoal, mas porque assim foi aprendido.

Perante o neo-paganismo e descristianização existentes, a Igreja está a responder com a *Nova Evangelização*. Mas a *Nova Evangelização* tem que começar pelos evangelizadores, e aqui está o problema. E para que esta *Nova Evangelização* seja eficaz não podemos cometer os mesmos erros do passado.

Jesus tem que nascer novamente hoje. Que importa que Ele tenha nascido à dois mil anos se não nasce aqui e agora na vida de cada um de nós?



O homem não pede mestres mas testemunhas

Como diz Walter Kasper: “A questão acerca da relação de fé e experiência é, actualmente, um problema extraordinariamente urgente, no qual se decide a verdadeira actualização da Igreja e da sua fé”. E Lassalle: “O homem do nosso tempo não pede provas de que Deus existe. Pede uma experiência de Deus”.

Isto justifica que a mística esteja suscitando, actualmente, uma grande curiosidade, não assim as instituições eclesíásticas. Muitos julgam essas instituições arcaicas pela incapacidade de responder à fome espiritual que marca o fim do século. O desejo visa o imediato de Deus. Nesta perspectiva, muitos acham que as Igrejas são fontes de violência por causa da sua intransigência dogmática ou prática, e porque não favorecem a experiência espiritual.

Escreve o P. Von Balthasar no seu livro *El complejo antirromano*: “A nossa sociedade secularizada lamenta-se de Deus se encontrar tão longe e parecer ter morrido... O homem sedento de experiência religiosa não encontra na Igreja outra coisa que uma organização humana, a armadura de uma fria instituição social. Por toda a parte ressoa o grito: ‘Onde fazer a experiência de Deus?’, pois o homem necessita um mínimo de experiência que lhe sirva de trampolim para o salto na fé”.

Os incrédulos proclamam frequentemente que não crêem, porque nunca tiveram uma experiência religiosa. Por sua parte, os crentes interrogam-se também sobre a realidade desse Deus que o raciocínio lhes apresentou, mas do qual, na realidade, não tiveram qualquer experiência.

Um dos maiores especialistas em psicologia religiosa, Vergote, afirma decididamente: “Todos os sujeitos que entrevistámos afirmam que a maior dificuldade para a fé é o desequilíbrio ou desajuste entre a fé e a experiência. As verdades de fé que não é possível justificar mediante a experiência aparecem-lhes em grande parte como construções conceituais”.

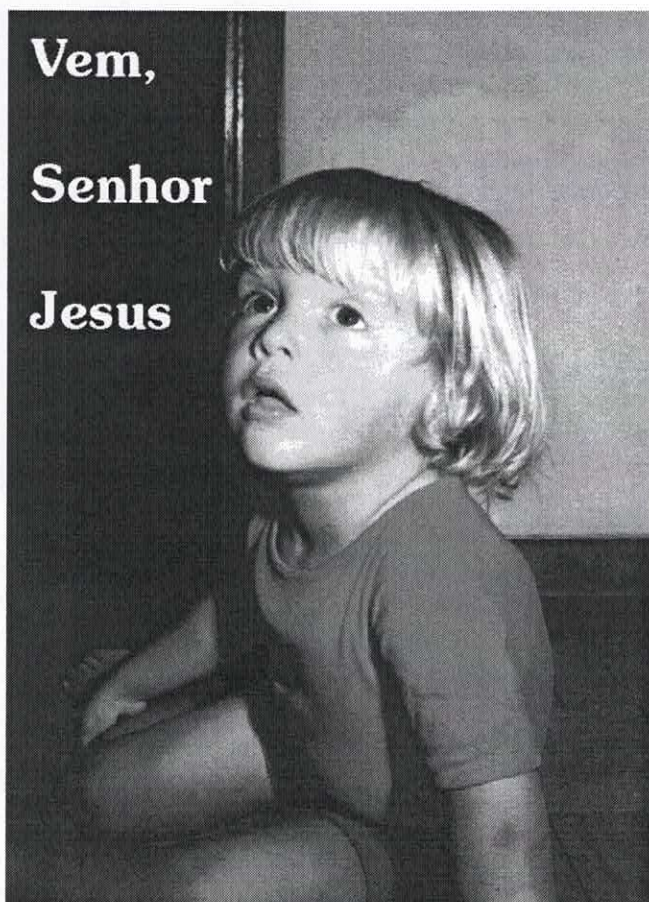
É preciso reconhecer que durante muito tempo a Igreja procedeu, à hora de apresentar o Evangelho, como se uma maioria dos cristãos tivesse que contentar-se com a aceitação pela fé dumas verdades inacessíveis à razão humana, com o cumprimento de uns preceitos e a prática de uns ritos; enquanto que a experiência pessoal de Deus, o encontro pessoal com Ele, estaria reservado a esse grupo privilegiado que seriam os religiosos, e principalmente os chamados “espirituais” e os “místicos”. Hoje sabemos bem que a experiência de Deus é consequência e exigência da fé; que a vocação à perfeição é universal e que essa perfeição tem o seu centro na experiência pessoal de Deus, entendida esta como experiência na fé e da fé. Daí que a apresentação

da fé a todos aqueles que são evangelizados requeira a iniciação na experiência de Deus.

Os bispos franceses, na carta *Propor a fé na sociedade actual*, manifestaram-no com toda a clareza: “Poderia pensar-se que semelhante conhecimento de Deus estivesse reservado a uma elite de espirituais ou místicos. Mas a experiência diária da Igreja o testemunha: pobres e simples, homens e mulheres indefesas perante a vida – mas que sabem rezar e amar – percebem esta luz de Deus e a irradiam. Torna-se realidade a acção de graças de Jesus: ‘Eu te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos’ (Mt 11, 25)”.

Por isso, continua o texto: “Não devemos vacilar à hora de propor esta experiência de Deus a todo o povo dos baptizados...”.

Podemos anunciar mensagens, transmitir doutrinas, inculcar hábitos, formas de comportamento e valores. Tudo isso tem a sua utilidade, mas ao serviço de algo fundamental e mais importante que é a experiência de Deus. Todo o chamamento do exterior, feito em nome de Deus, somente resulta proveitoso se consegue que a pessoa humana a quem se dirige, se abra a Deus presente nela. O agente pastoral, como diz o P. Rahner, “limita-se a oferecer, se pode, e com toda a ponderação, uma pequena ajuda, com objecto de que Deus e o homem possam realmente encontrar-se de modo directo”.



Fé = Encontro pessoal

Quando se realizam sondagens sobre a fé das pessoas, se a gente crê ou não crê em Deus, torna-se difícil interpretar os resultados dessas sondagens. E a primeira dificuldade com que nos deparamos é saber o que se entende com a palavra “crer”, uma vez que esta palavra ou conceito tem um campo semântico muito amplo e impreciso.

Para esclarecer o sentido da fé, o melhor é apresentá-la a partir da categoria humana do *encontro*, um encontro pessoal e sempre aberto com o Pai, pelo Filho, no Espírito Santo. Um encontro que se renova sem cessar e que nos leva a entregar-nos a Deus cheios de confiança e a escutá-l’O, aceitando ser verdadeiro quanto Ele nos revelou. Longe de ser uma suspeita fundada, a fé é um encontro entre pessoas que fundamenta a nossa vida e que nos ilumina o mistério do mundo e do homem.

Tal é a perspectiva bíblica, que o Vaticano II fez sua, seguindo os passos de Santo Agostinho e dos mais importantes teólogos.

A Bíblia narra-nos diversas experiências de encontro com Deus. E em todas elas é Deus que toma a iniciativa de procurar o homem. O homem, mais que encontrar a Deus, deixa-se encontrar por ele. Para isso é necessário que se mantenha à espera, tomando uma atitude contemplativa diante do mundo, da história de cada dia e do outro.

E essa atitude contemplativa só é possível a partir do recolhimento, que não consiste em fechar-se em si mesmo e despreocupar-se de tudo e de todos, mas em penetrar na nossa profundidade interior, onde o sentido da própria pobreza nos faz acolhedores. É então que se pode produzir a experiência cálida de uma presença acolhedora. Nota-se esta presença porque nos emociona pelo assombro desconcertante que provoca em nós e nos fere pela dor que nos causa ao purificar-nos.

Às vezes este encontro dá-se de forma inesperada e repentina, com uma intensidade tal que muda radicalmente a vida da pessoa. Parece ser algo assim como aconteceu com Moisés (cf. Ex 3). E é evidente que foi isso que aconteceu com S. Paulo, como ele nos descreve em diversas ocasiões. E também nos nossos dias este tipo de experiências acontece.

Mas o mais frequente é que o encontro com Deus vá acontecendo no dia a dia, como um processo de identificação progressiva com Jesus Cristo. Trata-se dum processo lento, que conhece as suas crises, as suas travessias do deserto, os seus retrocessos e o seu avance lento.

Nele está comprometida a pessoa toda. E a pessoa vai-se desenvolvendo e transformando em todas as dimensões, desde a sua identidade mais profunda que chamamos o “eu”. Por isso somos ou não somos cren-tes com todo o nosso ser e em todas as dimensões da nossa humanidade.

“Não existe fé sem essa experiência inicial de Deus que chamamos ‘conversão’ e sem essa experiência quotidiana que chamamos ‘oração’. Não faz falta dizer que somente os educadores da fé que tenham experiência de Deus poderão educar nessa dimensão aqueles que lhes foram encomendados”

Luís Gonzalez-Carvajal

Mãezinha querida:
se amo tanto Nosso Senhor,
foste tu que orientaste o
coração da tua pequenina para Ele;
tu preparaste-me tão bem
para o nosso primeiro encontro,
para esse grande dia em que nós
demos tudo um ao outro.

Isabel da Trindade
6 de Setembro de 1903

“Uma das tarefas pastorais mais urgentes e decisivas da Igreja consiste em promover a experiência do Deus de Jesus, que equivale à iniciação à fé ou à vida cristã. Efectivamente, não há cristãos adultos nem exercício de vida cristã personalizada se não se experimenta a Deus. Contudo, nem a iniciação de adultos foi tida em consideração pastoralmente até há poucos anos, nem a experiência teve entrada na teologia até há uns quantos lustros. A iniciação era tida como algo arcaico e a experiência era tomada por modernista; ambas categorias não casavam bem com a dogmática em uso”

Casiano Floristan

**Flor do Carmelo
deseja a todos os seus leitores
Santo Natal e um Ano Novo
cheio das maiores graças do Céu**

Isabel da Trindade e o Advento

Isabel da Trindade foi uma jovem que viveu os diferentes actos litúrgicos com profundidade e entusiasmo e isto resulta mais evidente no que diz respeito aos sacramentos. A sua primeira confissão e a sua primeira comunhão marcaram o seu crescimento humano e espiritual. O seu baptismo e a festa litúrgica que a Igreja celebrava nesse dia, Santa Maria Madalena, deixaram uma marca profunda na sua vida. Isabel mergulhava habilmente no Ano litúrgico: os tempos fortes do Advento e Quaresma, Natal e Páscoa, com o seu carácter penitencial e festivo, marcaram profundamente o seu dinamismo espiritual.

Em grande parte, o Ano litúrgico foi para ela uma autêntica escola de espiritualidade e fonte da sua vida espiritual. Mas, no centro de tudo, está a celebração eucarística, tanto antes como depois da sua entrada no Carmelo. Assomando-nos às *Poesias* de Isabel, uma pessoa descobre, facilmente, que há dois momentos do Ano litúrgico que ela vive com especial gozo e alegria, que são os dois grandes mistérios da redenção: a encarnação (cf. P 45, 75, 86, 88, 91, 96, 101) e a cruz e ressurreição (P 46, 69, 77).

Isabel que vive, desde a intimidade com Cristo, o seu mistério, é normal que viva com especial interesse ditas celebrações, e que se deixe empapar pela riqueza que a liturgia lhe oferece.

A recitação do Ofício divino, ou da Liturgia das Horas, proporcionou a Isabel profundas satisfações espirituais, apesar da limitação que supunha para

ela a recitação em latim. Parece que para essa época existia em França uma tradução do breviário que muito a ajudou a compreender o que recitava. Pelas suas cartas vemos o gozo que lhe causava participar no Ofício divino: “gosto com paixão” (C 139); “é tão bonito” (C 93). Trata-se do Ofício que ela vive e reza em profunda comunhão com toda a Igreja. Em muitas das suas cartas ela convida os seus

destinatários a unirem-se a ela nessas horas especiais (C 94, 136, 143, 157, 183, 185, 193).

Como diz a Madre Germana, sua Priora e Mestra de Noviças, “o que para ela tinha um atractivo especial era o tempo do Advento” (*Rec* 9, 16).

A 29 de Novembro de 1905 escreve ao Abade Chevignard e recorda-lhe: “Eis chegado o santo tempo do Advento, parece-me que é muito especialmente o das almas interiores, das que vivem sem cessar e em tudo ‘escondidas em Deus com Jesus Cristo’ no centro de si mesmas; na expectativa do grande mistério”... “Estimo muito este pensamento de que a vida do sacerdote (e da carmelita) é um Advento que prepara a Incarnação nas almas. David canta num

Salmo, ‘que o fogo andarà diante do Senhor’. Esse fogo não é justamente o amor? E não será também a nossa missão preparar as vias do Senhor pela nossa união com Aquele que o Apóstolo chama um ‘fogo que consome?’ Pelo contacto com ele a nossa alma há-de-se tornar como uma chama de amor espalhando-se por todos os membros do corpo de Cristo que é a Igreja; então havemos de consolar o Coração do nosso Mestre e Ele poderá dizer em nós mostrando ao Pai: ‘Já sou glorificado neles’” (C 250).



E continua testemunhando a Madre Germana: “A Irmã Isabel da Santíssima Trindade recordava com verdadeiro gozo a hora bendita em que o Espírito Santo desceu sobre Maria e a virtude do Altíssimo a cobriu com a sua sombra, encarnando-se o Verbo no seu puríssimo seio” (Rec 9, 15).

Na *Oração há Santíssima Trindade*, onde ela sintetiza toda a sua espiritualidade, composta depois do retiro pregado pelo P. Fages, Isabel pede ao Espírito Santo que venha sobre ela e faça nascer o Verbo e ao Pai que a cubra com a sua sombra: “Ó Fogo consumidor, Espírito de amor, ‘sobrevinde em mim’, a fim que se faça na minha alma como uma encarnação do Verbo: que eu Lhe seja uma humanidade de acréscimo na qual Ele renove todo o seu Mistério. E vós, ó Pai, inclinai-vos para esta vossa pobre pequena criatura, ‘cobri-a com a vossa sombra’, não vede nela senão ‘o Bem Amado no qual pusestes todas as vossas complacências’”.

Isabel, ao colocar as palavras “sobrevinde em mim” entre aspas, está a citar Lucas 1, 35: “O Espírito Santo descerá sobre vós...”. Ela gostava imenso desta passagem, que toma como tema central da poesia 79. Na poesia 91 torna a evocar o mesmo mistério. Além disso o retiro que acaba de concluir tinha sublinhado com força a consciência da obra do Espírito nas almas. O P. Fages tinha evocado a cena da Anunciação nada menos de *dez* vezes de maneiras mais ou menos elaboradas. Três dias antes, na décima primeira instrução, sobre “as operações da graça”, havia concluído: “Se tiverdes movimentos de vida a esperar, formulai este pedido: Espírito de Deus, vinde sobre mim, como desceste sobre o caos do mundo, como sobreviestes na Virgem Maria para nela produzir Nosso Senhor. – Quereis que o Verbo viva em vós, quereis que a Encarnação dê fruto em vós? Não há dois meios. O Espírito Santo fez nascer e crescer o Filho de Deus no seio da Virgem, pois bem, é Ele ainda que fará viver e crescer em vós”.

Ela pede ao Espírito que faça na sua alma “como uma nova encarnação do Verbo”. Isabel gostava de evocar nas poesias de Natal esta “nova encarnação” em nós:

“Oh pura, oh doce visão!
Em minha alma eu experimento
o grande, o alto mistério
da nova encarnação” (P 75).

E na poesia 86, Isabel canta:

“Eu vi brilhar a estrela luminosa;
me indicava o presépio do meu Rei,
e na noite silente e misteriosa
parecia orientar-se para a minha fé.
Depois ouvi, pletórica de encanto,

a mensagem do anjo que dizia:
‘Recolhe-te, que dentro da tua alma
se realiza o mistério de seu amor.
Jesus, fulgor do Pai,
no teu ser se encarnou.
Com a Virgem Maria
abraça o teu Amado:
também é para ti’” (P 86; cf. 91).

No dia 30 de Dezembro, Isabel escreve às suas tias e pergunta-lhes como viveram o Natal. Ela aproveita para contar como se passa o Natal no Carmelo: “O Natal no Carmelo é algo único. Durante a noite instalei-me no coro e aí a passei toda velando com a Santíssima Virgem esperando o Divino Menino, que esta vez já não ia nascer num presépio, mas na minha alma, nas nossas almas” (C 187).

Isabel pedia ao Espírito Santo que viesse sobre



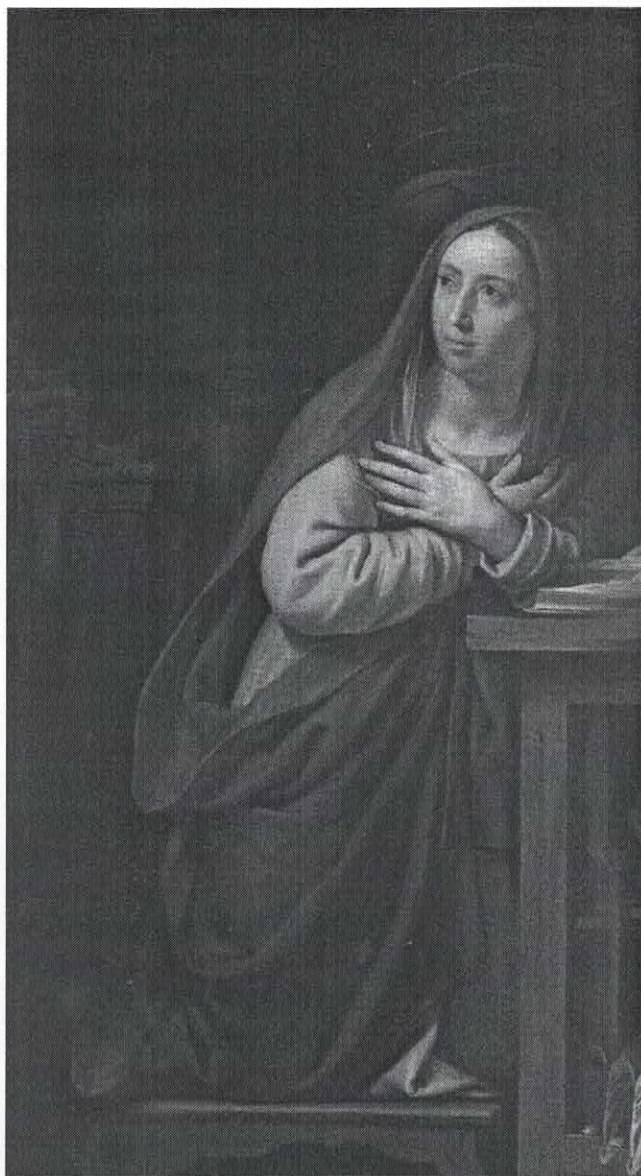
ela, como veio sobre Maria, para que o Verbo nela encarnasse para ser a Sua humanidade de acréscimo. E esta acção do Espírito para Isabel, não é esporádica ou momentânea, mas permanente e contínua.

Para Santo Ireneu a encarnação é uma realidade dinâmica que começa com a concepção de Jesus e termina na sua ressurreição. O Verbo de Deus não encarnou num determinado momento, mas foi encarnando, uma vez que a encarnação não consiste simplesmente em assumir a natureza humana mas também a condição humana. É uma exigência da encarnação do Verbo Jesus passar pelo sofrimento e morte.

A mesma visão tem Isabel. O Verbo vai encarnando nela pela acção do Espírito, vai-a possuindo até chegar ao ponto de ela poder dizer: “Já não sou eu que vivo mas é Cristo que vive em mim”(Gal 2, 20). Para que isto aconteça, dirá ela com S. Paulo: “Quotidie morior” (1Cor 15,31). “Morro cada dia, diminuo, renuncio-me cada dia mais, a mim mesma, a fim de que em mim Cristo cresça e seja exaltado; ... ‘Quotidie morior’, ponho a alegria da minha alma, (isto quanto à vontade e não quanto à sensibilidade) em tudo o que me pode imolar, destruir, rebaixar, porque quero dar lugar ao meu Mestre. Já não sou eu que vivo, é Ele que vive em mim: não quero ‘mais viver da minha própria vida, mas ser transformada em Jesus Cristo, para que a minha vida seja mais divina do que humana’ e que o Pai, ao inclinar-se sobre mim, possa reconhecer a imagem do Filho muito amado em quem pôs todas as suas complacências” (CF 12).

Para Isabel uma figura emerge neste tempo do Advento: Maria. Enquanto pensa em Maria como mulher do Advento, ela escreve à sua irmã que espera um filho e aconselha-a: “Pensa no que passaria na alma da Virgem quando, depois da encarnação, possuía nela o Verbo Encarnado, o Dom de Deus... Em que silêncio, em que recolhimento, em que adoração mais profunda deveu submergir-se no fundo da sua alma, para estreitar a aquele Deus de quem era Mãe!... Guia minha, Ele está em nós. Oh!, mantenhamo-nos, portanto, junto d’Ele, com aquele silêncio, com aquele amor da Virgem. Será assim como passaremos o Advento, não é verdade?” (C 183).

Ela não tem dificuldade em penetrar no mistério que leva dentro: “Não necessito fazer o menor esforço para entrar neste Mistério da Inabitação divina na Santíssima Virgem. N’Ele parece-me encontrar a aspiração habitual da minha alma, que foi também a de Maria: adorar em mim o Deus escondido” (Rec 9, 16).



“O Natal no Carmelo é algo único.
Durante a noite
instalei-me no coro
e aí a passei toda
velando com a Santíssima Virgem
esperando o Divino Menino,
que esta vez
já não ia nascer num presépio,
mas na minha alma,
nas nossas almas”
(C 187).

A conversão de Isabel

Não queria terminar a exposição da experiência espiritual de Isabel sem fazer menção dum acontecimento que teve lugar na sua vida e que é constitutivo da fé: a *conversão*.

Isabel era uma menina difícil, de “carácter muito violento”. Guida recordará a infância da sua irmã e descrevê-la-á da seguinte maneira: era “muito viva, mesmo colérica; as suas raivas eram verdadeiras raivas; enfim um diabinho”. Sua mãe fala dos “seus olhos furiosos” e da sua “natureza violenta e colérica”. Margarida recorda que os excessos de cólera de sua irmã eram, por vezes, tão violentos que “ameaçavam enviá-la e interná-la no *Bom Pastor* (uma casa de correcção muito próxima dos Catez) e até já lhe preparavam a mala com o enxoval”. Mas Isabel também era honesta. Quando compreendia que não se deve molestar os outros, imediatamente se corrigia.

Em fins de 1889 Isabel escrevia à mãe: “Desejo-te tudo aquilo que tu podes desejar. E agora que já sou crescida, quero mesmo tornar-me uma menina sossegada, paciente, obediente, cheia de boa vontade e que nunca mais se zangue. Sou a mais velha e devo dar o exemplo à minha irmã mais pequena e não a contrariar mais. Enfim, serei um verdadeiro modelo e poderão dizer que és a mais feliz das mães. Espero ter muito em breve a felicidade de fazer a primeira Comunhão e serei ainda mais bem comportada porque eu vou pedir a Deus que me faça ainda melhor” (C 2).

Dezasseis meses decorridos a partir desta promessa feita a sua mãe, Isabel começa a preparar-se para a sua primeira comunhão. Aplica-se com mui-

to interesse a aprender o catecismo. A primeira confissão e consequente comunhão marcam-na profundamente. Se a primeira confissão a levou à “conversão”, como ela diz, a primeira Comunhão abriu-a para sempre à graça do divino hóspede.

No dia 19 de Abril de 1891, quando Isabel recebeu pela primeira vez o Corpo de Cristo, comoveu-se: “No fundo do coração tinha sentido a voz de Cristo que a queria toda sua, como diz numa das suas poesias: permitiu com toda a vontade que o Mestre tomasse posse do seu coração em pleno, não desejando outra coisa senão dar-lhe a vida”.

A Senhora Hallo, amiga da Senhora Catez, conta: “A minha filha Maria Luísa fez a primeira Comunhão ... juntamente com Isabel. Quando ela saiu da cerimónia disse-lhe: ‘Não sinto fome. Jesus alimentou-me’. Nunca poderei esquecer o seu olhar. Não se pode descrever o rosto de Isabel quando voltava da Sagrada Mesa”.

O primeiro encontro com Jesus escondido numa pequena Hóstia, mudou totalmente a vida desta criança. A sua irmã Margarida deu o seguinte testemunho: “Muito viva, a partir da primeira Comunhão em diante, vê-se que mudou. Sentia-se que era tomada por Deus. Uma impressão de Santidade. Esquecia-se continuamente de si mesma:

não pensava senão nos outros (...). Vendo-a rezar, compreendia-se que tudo desapareceria para ela”.

Esta é a fé de que falamos: encontro com Jesus Cristo que leva consigo a conversão, a mudança de vida. A mudança aconteceu, porque Isabel foi “tomada por Deus”. Temos que esperar este “encontro”, encarnação de Cristo na vida da pessoa, e fazer tudo o que está da nossa parte para que ele aconteça.



Boletim Informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços * Fotocomposição: Delfim Machado * Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina * Sede: Rua de Nossa Senhora do Carmo, 2 – Moita Redonda – 2495-423 Fátima Tel. 249 531 210 * jeremias@carmelitas.pt; Sítio: www.carmelitas.pt